

## **Voos Teóricos & Aventuras Epistemológicas: a vivência da disciplina História e Cultura Afro-Brasileira em cursos de formação de professores**

Antonio Carlos Figueiredo Costa  
Universidade do Estado de Minas Gerais  
antonio.costa@uemg.br

### **Introdução**

As linhas seguintes objetivam oferecer um caminho que, embora não tenha sido livre de percalços, vem sendo trilhado com relativo sucesso há alguns anos, em diversos cursos de Formação de Professores na Unidade Acadêmica Ibirité da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), em percurso constantemente repensado ao longo de sucessivos semestres letivos, os quais já alcançam um lustro.

A lei n. 10.639, de 2003, alicerçada a partir dos vigorosos embates do movimento negro, ao ser sancionada durante o primeiro ano do governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, representou uma substancial conquista. Contudo, apontou para um singular problema que orbita na nebulosa das candentes questões nacionais, à qual constitui parcela das seculares lutas sociais do povo brasileiro. Os motivos que então animaram os propugnadores desse diploma legal – e lembremos não somente do movimento negro, mas também intelectuais, juristas, as militâncias dos vários movimentos sociais e governo – tinham como pano de fundo a séria constatação de que persistiam, após quase 120 anos de emancipação escrava, algumas das mais graves injúrias que poderiam ser feitas a um ser humano: a de natureza racial. Por seu turno, esse fator denunciava de forma cabal o caráter elitista e excludente da democracia brasileira e demonstrava que o estado de direito recuperado a duras penas ao último período

de exceção, sofrido por conta da ditadura militar (1964–1985), possuía seus “pés de barro”.

A construção de uma nação democrática caminha *pari passu* com a ideia de igualdade, dado que a própria acepção moderna do conceito pressupõe a vontade de cidadãos de viver em uma extensa comunidade, à sombra de um passado comum e sob o “horizonte de expectativas” de um futuro a ser compartilhado, o que os faria ligar-se, iniludivelmente, por longínquos e quase míticos laços afetivos, que remetendo a priscas eras, autorizariam, de forma apriorística, a inscrever essa “comunidade imaginada” em um tempo de longa duração, emprestando maior densidade dramática às escolhas do presente vivido, e acenando com maior concretude para o desejo de perpetuação no tempo, do que seria uma sublime união fraternal.

Talvez ainda possa ser dito que a ideia de nação aconselharia também ao apaziguamento das injúrias trocadas no passado, o que em sentido existencial heideggeriano não deve significar esquecimento, mas tão somente a deposição do fardo desse passado, mitigação e reelaboração possibilitada pelo esclarecimento oferecido pela História, a qual recepciona em sua grandeza, a noção da finitude humana. E se de uma parte podemos entender que esse aporte de cultura histórica consegue ressituar determinado grupo étnico com o resgate da sua identidade cultural e consequente fortalecimento de sua *práxis* cidadã, caberia ao outro grupo que lhe foi antagônico em dado passado reformular-se para prover, com a necessária alteridade requerida pelas modernas sociedades civis, o seu papel ainda hegemônico na *pólis*, reconhecendo o outro com positividade e expressão viva de uma cultura que foi segregada e por muito tempo injustamente inferiorizada, mas que sem sombra de dúvidas, por brava resistência e rara consistência de propósitos, foi capaz de impor-se aos seus poderosos algozes, ao longo

de tantos séculos de uma traumática transplantação para o chamado Novo Mundo.

Estudar a diáspora negra já ofereceria os elementos suficientes para desfazer todos os equívocos que foram lançados contra a cultura negra, aliás, uma das matrizes culturais mais interessantes e criativas na formação do povo brasileiro. No entanto, é preciso conhecer com algum aprofundamento as manifestações dessas comunidades no presente vivido, componentes fundamentais dessas verdadeiras províncias negras que encontramos no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, na Bahia, em Pernambuco ou no Maranhão, para ficarmos apenas nesses exemplos, sendo recomendável, na medida do possível, desviar daquilo que possa parecer modismo, exotismo ou mero pastiche. Afinal, o interesse que nos anima é provocar a reflexão, em meio a um grande leque de escolhas possíveis, acerca das dificuldades, dilemas e soluções, ainda que provisórias, aos regentes da disciplina História e Cultura Afro-Brasileira (HCA), conforme entendemos, possa ser ministrada em cursos de graduação.

Dessa forma, nossos objetivos seriam oferecer uma singela contribuição ao planejamento e execução da disciplina, o que equivaleria dizer, apor sob um plano de ensino formulado para cerca de 40 horas/aula, os conteúdos considerados como mais significativos ao conhecimento do público estudantil alvo das nossas atenções, via de regra, futuros professores. Assim, convencê-los de que esse estudo não se trata de mais um daqueles encargos acadêmicos que consideram como irrelevantes, o que transformaria todos os seus esforços na conquista do conhecimento em uma gélida captura da pontuação mínima para a aprovação, é uma questão de suma importância, e aí talvez caiba a capacidade de persuasão que inclui o posicionamento do professor, desde o primeiro dia de aula, mas também de um embasado conhecimento e

mais perfeito escalonamento por parte desse profissional, da natureza dos conteúdos apresentados, ou seja, o que apresentar, como apresentar e de que forma apresentar. O que se seguirá portanto é uma versão da minha experiência com essa disciplina em alguns cursos de licenciatura pensados e levados a efeito em uma universidade pública. E se esse exercício ainda se desdobra no tempo presente, creio já possuir resultados que possam ser compartilhados com meus pares.

### **África, essa ilustre desconhecida**

Os professores de História, mesmo aqueles formados em anos mais recentes, costumam acumular várias lacunas acerca da História da África. Obviamente se costuma estudar algo sobre o Egito, ao curso da disciplina História Antiga, mais um pouco em História do Brasil, dado que os navegantes portugueses arranharam as costas do continente africano ao longo dos séculos XV e XVI; e afinal, era de lá que os escravos vinham. Por fim, a África figura como objeto de estudo em alguns tópicos de História Contemporânea, os quais procuram focalizar o imperialismo europeu em suas pretensões de recolonizar o “continente negro” no século XIX, intenção cujo ápice costuma ser apontado na Conferência de Berlin (1878).

Enfim, quando o assunto é a História da África, as grades curriculares dos cursos de História costumam se apresentar muito aquém do esperado, apesar de ultimamente haver se formado uma congregação de estudiosos em temas africanos, fruto de reflexões quase sempre oriundas de disciplinas optativas, e que começam a resultar em pesquisas de maior fôlego nos cursos de pós-graduação. Dessa forma, é comum que o professor de História que receba encargos que gravitem em torno do tema África tenha que rapidamente inteirar-se do “estado da arte”. É assim com a disciplina História e Cultura Afro-Brasileira.

Entre a intenção de preparar um bom curso e as determinações colocadas pelas ementas, pode ocorrer, no entanto, um verdadeiro abismo. Além, é claro, da tentação, que seria cômoda e desanimadora em termos intelectuais, para não falar de uma amputação às possibilidades de desenvolvimento do alunado, de preparar um programa tomando por base uma bibliografia às vezes bastante lembrada, porém pouco lida, quase sempre estudada com vistas a algum concurso de provas e títulos, livros os quais se costuma apreciar sob a percepção de algo novo, o que sugere a impressão de haver chegado a um mar não singrado anteriormente, ou seja, de algo que nos é desconhecido. Vejamos o clássico *Casa-Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, um assíduo frequentador em tantas bancadas de estudos. Porém, uma coisa é ler Freyre enquanto comentarista do Brasil, outra seria recuperá-lo para fazê-lo caber, para o bem e para o mal, na finalidade específica da disciplina História e Cultura Afro-brasileira. Dessa forma, ao docente neófito dessa disciplina é possível que se divisem duas linhas de ação. A primeira, incontornável, seria passar a frequentar outras estantes da biblioteca universitária. A segunda, buscar por meio de um curso de especialização uma orientação mais formal, visando suprir as necessidades mais imediatas.

### **Aventura do conhecimento**

Talvez um bom ponto de partida seja identificar os temas centrais conforme tratados nos compêndios existentes para a HCA. Afinal, se a referência a um “ processo histórico-social do povo negro-africano no Brasil e da cultura afro-brasileira” podem nos parecer como uma ideia vaga demais, o que diria falar sobre a “influência de matrizes culturais africanas no processo histórico de construção e reconstrução

das identidades culturais do povo brasileiro?<sup>17</sup> Em minhas ações iniciais, ou seja, desde o primeiro curso ofertado, optei que deveria concentrar esforços sobre as práticas de racismo e exclusão na sociedade (e na escola) brasileira. Esse ainda é, em minha opinião, o fio condutor que alinhava todo o curso.

Durante cerca de 350 anos, os negros estiveram na base da economia escravista brasileira, retirados do seu antigo *habitat* e incorporados ao esforço produtivo da colônia portuguesa na América, na qualidade de trabalhadores escravizados. Sim, esse poderia ser um começo alvissareiro. Uma visão, em largas passadas, um sobrevoo da História brasileira, com visão acentuada ao papel desempenhado pelos negros, tanto durante a fase escravista, quanto além dela. Caso conseguisse localizar um pequeno ensaio que cumprisse a finalidade de abarcar de maneira tanto geral quanto abrangente os temas a serem tratados ao longo da disciplina, o começo seria promissor. A consulta às bibliografias de alguns artigos que chegaram às minhas mãos fez convergir minha atenção para um texto da lavra de Kabengele Munanga. Antropólogo de origem congoleza, radicado no Brasil há algumas décadas, autor prolífico, o professor Munanga é um dos grandes pesquisadores no campo da Antropologia da população brasileira. O texto intitulado *A importância da História da África e do Negro na Escola Brasileira* foi fruto de uma palestra por ele realizada para o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Negro Brasileiro (NEINB), da Universidade de São Paulo (USP), onde foi professor. Essa palestra servira como abertura do curso *Diversidade e Educação: o*

---

1. EMENTA DA DISCIPLINA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA (Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, Unidade Ibirité). “O processo histórico-social do povo negro-africano no Brasil e da cultura afro-brasileira. Influência de matrizes culturais africanas no processo histórico de construção e re-construção das identidades culturais do povo brasileiro. Práticas de exclusão e racismo na sociedade brasileira e na escola. Oficina de produção de atividades e materiais didáticos a partir de diferentes linguagens.”

Desafio para a Construção de uma Escola Democrática, oferecido pelo NEINB entre os meses de maio e julho de 2004, aos professores da Rede Municipal de Ensino da Cidade de Mauá, estado de São Paulo. Alinhado em pouco mais que cinco páginas, atendia às minhas necessidades. Os alunos poderiam ler, comentar e certamente seria despertado o interesse pela disciplina.

O próximo passo seria dar maior concretude à formação brasileira, ao contexto no qual se deu a incorporação das terras que hoje compõem o território brasileiro à economia-mundo. Caberia tratar da montagem do aparato colonial de exploração dando ênfase à diáspora negra, o que normalmente não costuma ser feito nos compêndios de História mais tradicionais, ou seja, o material didático no qual nossos alunos costumam ser formados na sua vida acadêmica pré-universitária. A tarefa seria articular a migração forçada dos negros escravizados para a América (diáspora negra) ao sucesso dos portugueses em suas colônias, festejados pela bibliografia – Gilberto Freyre à testa – como sendo os primeiros europeus a triunfar nos trópicos.

Assim, teria que ficar bem esclarecido que esses africanos transplantados para a então colônia portuguesa de clima tropical eram, em sua origem, agricultores de clima tropical e criadores de gado na forma extensiva, além de mestres da metalurgia. Afinal de contas, a maior parte do continente africano encontra-se sob clima predominantemente tropical. Ou seja, se os portugueses haviam vencido seus desafios – por tenacidade, plasticidade, ou qualquer outra qualidade manifestada sob pena de inspiração “freyriana” – essa vitória não fazia deles os únicos atores na cena principal, pois havia o protagonismo dos negros.

Quanto à preparação desse tema, a sugestão seria fazer uma diferenciação entre o que seria leituras direcionadas ao professor, daquelas mais apropriadas aos alunos, sempre envolvidos com diversas

disciplinas ao longo de sempre curtos semestres letivos. Assim, caberia indicar aos docentes de HCA uma gama de leituras que podem ser consideradas imprescindíveis a um melhor conhecimento da África, em termos de História e Cultura. Início por três obras de pesquisadores estrangeiros: 1. A coletânea de ensaios organizada por Catherine Coquery-Vidrovitch, intitulada *A descoberta da África* (COQUERY-VIDROVITCH, 1981), com destaque para os dois primeiros capítulos, respectivamente dedicados aos contatos de povos indo-europeus da antiguidade com a África, e o segundo, que mostra as relações dos reinos africanos com o comércio, e consequentemente com a religião de populações islamizadas. 2. O clássico alinhado por Paul E. Lovejoy, *A Escravidão na África: Uma História de suas Transformações* (LOVEJOY, 2002); e 3. Deixado por último, porém não menos importante, o alentado ensaio da lavra de John Thornton, *A África e os Africanos na Formação do Mundo Atlântico: 1400-1800* (THORNTON, 2004). Cabe registrar que o capítulo 3. deste livro, intitulado *A Escravidão e a Estrutura Social na África* oferece os conhecimentos necessários para a tão importante diferenciação entre o estatuto da escravidão africano e a chamada escravidão moderna, a qual criou a figura do escravo mercadoria e que convulsionou, pela pressão do tráfico escravista, todo o continente negro.

Ainda voltado para professores, porém de fácil aplicabilidade, conforme a disponibilidade de tempo, para o alunado, temos da autoria de brasileiros natos ou naturalizados os seguintes livros: 1. De Jean-Marie Lambert, uma *História da África Negra* (LAMBERT, 2001), cientista político de origem belga e radicado há algumas décadas no Brasil, Lambert escreveu em linguagem acessível e agradável. As partes I e II do livro oferecem o essencial ao professor. 2. Atributos muito semelhantes à obra anterior podem ser encontrados no livro preparado por Paulo Fagundes Visentini, Luiz Dario Teixeira Ribeiro



e Analúcia Danilevicz Pereira. Nos dois capítulos iniciais de História da África e dos Africanos (VISENTINI, RIBEIRO, PEREIRA, 2013), encontram-se os conhecimentos básicos para sair do chamado “grau zero” do conhecimento acerca da África. 3. Com uma proposta didática, mas nem por isso menos densa e abrangente, apresenta-se o livro de autoria de Ana Mônica Lopes e Luiz Duarte Haele Arnaut. O diferencial de História da África: Uma Introdução (LOPES; ARNAUT, 2008) seria apresentar em capítulos bastante sintéticos o essencial para quem ministra alguma disciplina que envolva conhecimentos sobre a África. A isso podemos somar o tópico voltado às sugestões de filmes sobre a África, sempre uma boa opção para incentivar o processo ensino-aprendizagem.

Voltado especificamente aos discentes, o que equivaleria dizer, adotados como leituras para seminários ou suporte para as aulas expositivas dialógicas teríamos: 1. O excelente livro de Marina de Mello e Souza, cujo texto fica destacado pela didática. Bastante atraente e contando com inúmeros mapas e ilustrações, África e Brasil Africano (SOUZA, 2007) se apresenta como uma boa opção de leitura. 2. A seguir temos de Kabengele Munanga, Origens Africanas do Brasil Contemporâneo: Histórias, Línguas, Culturas e Civilizações (MUNANGA, 2009). Nesse livro, Kabengele Munanga nos oferece o essencial sobre a grande diversidade africana, trata das antigas civilizações que existiram no continente e acompanha em textos curtos, porém suficientemente elucidativos, o desenvolvimento dos reinos e impérios africanos, em interessante paralelo com a sociedade europeia medieval, o que põe em relevo a capacidade de agenciamento africano, autonomizando o desenvolvimento do continente e colocando em relevo suas conquistas de maneira desvinculada à influência recebida dos europeus.

Como indicação de leituras posteriores, visando aos exercícios acadêmicos de maior fôlego para os alunos, como os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), cabe ainda relacionar duas leituras incontornáveis, nos volumosos ensaios da lavra do diplomata aposentado e africanólogo Alberto da Costa e Silva. Assim, *A Enxada e a Lança: a África antes dos Portugueses* (SILVA, 1996) e *A Manilha e o Libambo: a África e a Escravidão, de 1500 a 1700* (SILVA, 2002) são trabalhos de erudição que combinam apuro e elegância, e a sua leitura atenta e competente possibilita que professores e alunos tenham a necessária segurança para prosseguir em seus estudos, acrescentando-se a isso que será certamente muito útil nos debates por ocasião dos seminários.

Por falar nessa metodologia de ensino, cumpre esclarecer que ao longo da minha prática docente sempre procurei pôr em prática a premissa cuja cartilha reza que devemos privilegiar o quadrante formado por aulas expositivas, aulas expositivas dialógicas, estudos dirigidos e, obviamente, seminários. Porém, por trabalhar com formação de professores, tenho ultimamente me rendido às chamadas oficinas pedagógicas, nas quais os alunos normalmente encontram a forma de expressão de sua sempre surpreendente criatividade.

Voltarei a esse tema oportunamente no decorrer deste texto. Tratemos por hora dos seminários, e, em primeiro lugar, do seminário referente a essa unidade de ensino, voltada ao estudo do processo histórico-social do povo negro-africano no Brasil. Poucos materiais didáticos reúnem as possibilidades colocadas pelo belíssimo ensaio produzido pelo historiador José D'Assunção Barros. Alguns capítulos localizados no miolo de *A Construção Social da Cor: Diferença e Desigualdade na Formação da Sociedade Brasileira* (BARROS, 2009), especificamente os de número 6 a 11, oferecem o essencial para o debate

em sala, sendo orientado que cada um deles fique a encargo de cada grupo de alunos. Os resultados têm sido apreciáveis, mas cabe exigir da turma a leitura de todos os capítulos objeto do seminário, evitando um conhecimento muito parcelado e permitindo que entendam o dramático roteiro da diáspora negra, desde a incorporação das guerras deflagradas pelas diferenças tribais, transformadas posteriormente em guerras do tráfico (tegrias), até os vários mecanismos de reforço das diferenças negras, estratégia dos colonizadores para a divisão e o antagonismo entre seus escravos.

Em termos de leituras gerais a serem indicadas ao longo do curso, a título de estudo dirigido, simples acompanhamento ou leitura prévia às aulas, ou ainda portfólio, ou seja, como trabalho de maior fôlego, teríamos três livros cujos autores prezaram por uma escrita mais próxima da coloquial: 1. O ensaio de Gevanilda Santos, *Relações Raciais e Desigualdade no Brasil* (SANTOS, 2009). 2. Da autoria de Cláudia Lima, *Introdução à História do Negro no Brasil* (LIMA, 2009). 3. O texto preparado por Amauri Mendes Pereira, intitulado *África: para Abandonar Estereótipos e Distorções* (PEREIRA, 2012).

O passo seguinte seria introduzir a questão do discurso racial, aspecto relacionado à formação nacional, a critérios de exclusão social e às identidades negras. Então seria fortemente indicado outro texto da lavra de Kabengele Munanga. No ensaio *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra* (MUNANGA, 2008), o autor oferece os aspectos basilares para pensarmos a influência do racismo no ambiente acadêmico brasileiro. No capítulo intitulado *A mestiçagem no pensamento brasileiro* são elencados os autores nacionais e as suas obras mais significativas, escritas entre a Abolição da Escravatura e o final dos anos 1920. Naquele contexto, o “pomo da discórdia” era o mestiço, o papel da miscigenação na formação

social brasileira e o sombrio diagnóstico que era lançado acerca das possibilidades do país alçar vôo junto às nações mais desenvolvidas. Trata-se de leitura para alunos e professores, com possibilidades de realizar um bom seminário, sob a forma de discussão clássica. Ainda importantes para o conhecimento mais aprofundado seriam o ensaio clássico de Michael Banton, *A Ideia de Raça* (BANTON, 2010), bem como o elucidativo livro de Andreas Hofbauer, *Uma História de Branqueamento ou o Negro em Questão* (HOFBAUER, 2006). Cabe observar que tratam-se de leituras cujos objetivos centrais são bastante diferentes, pois se Banton tratará especificamente da racialização do mundo até desembocar na ideia de racismo, Hofbauer parte do discurso acerca das raças para tecer considerações sobre o papel do racismo e do ideal de branqueamento na sociedade brasileira.

Ao que nos parece ótimas leituras cujos resultados serão os instrumentais teóricos indispensáveis para discutir com maior propriedade um assunto tantas vezes tratado “pela rama”, quando não desconhecido, ou ainda solenemente ignorado na disciplina História e Cultura Afro-Brasileira: as ondas teóricas sobre o pensamento racial brasileiro. Afinal, se costuma falar muito na renomada obra-prima de Gilberto Freyre, o anteriormente mencionado *Casa-Grande e Senzala* (FREYRE, 1999), citada de maneira contumaz e tornada uma espécie de monumento da historiografia brasileira. Contudo, cabe lembrar que se Freyre realizou uma magistral apropriação dos ensinamentos do seu mestre em Columbia, Franz Boas, o que lhe permitiu a transposição do discurso da raça para a cultura, cumpre observar que essa obra representou um avanço que, apesar de formidável, tratou-se de uma conquista das décadas de 1930/1940. Assim, devemos agregar, com vistas à continuidade desse estudo, a contribuição da chamada escola sociológica paulista, ressaltando a tese de Florestan Fernandes no avultado ensaio *A Integração do Negro na Sociedade*

de Classes (FERNANDES, 1978), bem como da ainda insuperável atualidade do livro – originalmente um trabalho de doutoramento – de Carlos Hasenbalg. Com efeito, é recomendável a preparação de um seminário que contemple o oitavo e último capítulo de Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil (HASENBALG, 2005), sugerindo, no entanto, deixar esta última obra para os encontros finais da disciplina. Talvez ainda caiba sugerir o livro composto por ensaios alinhados por Carlos Hasenbalg, Nelson do Valle Silva e Márcia Lima, intitulado Cor e Estratificação Social (HASENBALG; SILVA; LIMA, 1999), que envolvem temas tais como a desigualdade racial, acesso à escola e diferenças raciais de rendimentos, uma problemática que serpenteia pelo cotidiano dos brasileiros e que revela afinal, gravitar em torno do “racismo às avessas” da sociedade brasileira. Cumpre esclarecer que sempre será mais produtivo tratar da discriminação de cunho racial após conhecer um pouco melhor as influências das matrizes culturais africanas no processo histórico de formação da identidade cultural do povo brasileiro, que afinal de contas, assim como a ideia de nação, encontra-se em constante estado de reconstrução.

Em termos de um conhecimento sucinto acerca da cultura africana, talvez seja uma boa ideia iniciar pelo texto seminal organizado por Ola Balogun, Honorat Aguessy, Pathé Diagne e Alpha I. Sow. No sucinto e ao mesmo tempo esclarecedor Introdução à Cultura Africana (BALOGUN et. ali., 1977), podemos tomar contato com aspectos culturais do continente negro que envolvem desde as concepções artísticas e religiosas até a importância de certos jogos, contos, lendas e mitos africanos. Fundamental, portanto, quando formos mais à frente, em nossa última unidade temática, tratar das estórias quilombolas e do jogo *yoté*.

Uma obra de caráter bem geral e que nos parece prezar por oferecer um fio de continuidade com a ideia de “cultura de mediação” presente no mencionado livro de José d’Assunção Barros (2009, p. 86) seria *O Nascimento da Cultura Afro-americana: Uma Perspectiva Antropológica* (MINTZ; PRICE, 2003). A intenção dos autores foi justamente apontar para as especificidades de uma cultura sedimentada ao longo de séculos em um processo contínuo de influências que afinal de contas não partiram somente da África. Trata-se de texto que nos oferece um convite a que conheçamos também os ensaios de Paul Gilroy, *O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência* (GILROY, 2012), e de Stuart Hall, sobretudo, *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais* (HALL, 2013).

Ainda dignos de menção seriam o livro organizado por Lívio Sansone, *Memórias da África: Patrimônios, Museus e Políticas das Identidades* (SANSONE, 2012), cujos artigos prezam pela riqueza temática, realizando muito bem os movimentos de idas e voltas entre Brasil e África; bem como os ensaios reunidos pelo já citado Alberto da Costa e Silva, em *Um Rio Chamado Atlântico: África no Brasil e o Brasil na África* (SILVA, 2003).

Com vistas à perspectiva especificamente brasileira, mas sem descuro dos aspectos globais das múltiplas trocas culturais, temos o excelente trabalho da lavra de Lívio Sansone, *Negritude sem Etnicidade: o Local e o Global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil* (SANSONE, 2007). Então, contaríamos com um melhor instrumental teórico para trabalhar adequadamente com nossos alunos aspectos da cultura tais como religião, festejos e práticas corporais. Recomenda-se muito cuidado ao ministrar aulas que abordem aspectos da religiosidade. Uma das soluções que tem se revelado como de bom encaminhamento seria preparar uma aula expositiva, tomando por

base dois textos específicos, a saber: 1. Da lavra de Erisvaldo Pereira dos Santos, *Formação de Professores e Religiões de Matrizes Africanas: Um Diálogo Necessário* (SANTOS, 2010); e 2. Os capítulos 3. e 4. (intitulados respectivamente *Do Calundu ao Candomblé: O Processo Formativo da Religião Afro-brasileira* e *A Contribuição Jeje na Institucionalização do Candomblé no Século XIX*, constantes do livro preparado por Luis Nicolau Parés, *A Formação do Candomblé: História e ritual da Nação Jeje na Bahia* (PARÉS, 2007). Para um conhecimento bem mais aprofundado, descendo às especificidades dos cultos dessas religiões, temos o clássico de Roger Bastide, *O Candomblé da Bahia: Rito Nagô* (BASTIDE, 2001) e, de Pierre Fatumbi Verger, *Notas Sobre o Culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África* (VERGER, 2012). Contudo, os últimos ensaios não são para iniciantes, sua leitura demandando tempo e esforço, no entanto, permitindo maiores vãos teóricos, caso o interesse pela pesquisa venha ser aflorado no professor.

Indicado para estudo pelo corpo discente seria o pequeno livro organizado por Renata Felinto. Em *Culturas Africanas e Afro-brasileiras em Sala de Aula: Saberes para os Professores, Fazeres para os Alunos* (religiosidade, musicalidade, identidade e artes visuais) (FELINTO, 2012), são oferecidas múltiplas possibilidades para abordar as religiões, a música e demais formas de arte. Texto que também poderá ser bem aproveitado por alunos e professores seria *Uma História do Negro no Brasil*, preparado por Wlamira Albuquerque e Walter Fraga Filho (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006), oferecendo uma visão bastante ampla de vários temas. Os capítulos 9, 10 e 11, dedicados ao samba, ao carnaval, à capoeira, ao candomblé e ao movimento negro poderão ser muito úteis e podem oferecer a possibilidade de bons estudos dirigidos. Não de menor importância seria a obra organizada por Frank Marcon e Hippolyte Brice Sogbossi, *Estudos Africanos*,

Para complementar o estudo das religiões, músicas e outras manifestações culturais de matriz africana, encontramos alguns bons vídeos. Cabe, no entanto, levar em conta as sugestões presentes nos compêndios voltados à didática da prática e do ensino da História. O vídeo não deverá ser a fonte única do estudo e deve possuir a duração adequada, que não ultrapasse excessivamente o tempo de aula. Além disso, a obra cinematográfica deve ser lida tanto de forma cautelosa quanto crítica, pois pode carregar com ela, inclusive, leituras muito localizadas de uma época. Enfim, devemos nos cercar de cuidados para que a sessão de vídeo cumpra sua finalidade no processo ensino-aprendizagem, onde as imagens em movimento sirvam como reforço da aula e do texto estudado. Assim, me limitarei nesse artigo a citar apenas alguns documentários:

1. O Povo Brasileiro, produção nacional de 2000, com direção de Isa Grinspum Ferraz. Esse vídeo toma como base a obra homônima do antropólogo Darcy Ribeiro. Três episódios merecem destaque: 1.1. A Matriz Afro; 1.2. O Brasil Crioulo; e 1.3. A Invenção do Brasil. A duração aproximada da exibição dos três não ultrapassa 80 minutos.
2. Prosseguindo temos O Atlântico Negro: na Rota dos Orixás, excelente documentário premiado, produzido em 2005, sob a direção de Renato Barbieri. A duração é de cerca de 57 minutos, e a sugestão é que seja exibido em sala de aula.

A domicílio o aluno poderá assistir ao vídeo Mojubá, um documentário brasileiro produzido em 2006, cuja duração é de cerca de 120 minutos. Nele encontramos os seguintes episódios: 1. Origens; 2. Fé; 3. Meio Ambiente e Saúde; e 4. Influências. Sobre os batuques e sambas, enquanto forma de afirmação da identidade afrodescendente,



temos a indicar os vídeos No Repique do Tambú, documentário nacional rodado em 2003, costumeiramente encontrado em três episódios. A duração total é de 55 minutos. Outra boa pedida seria o vídeo O Jongo: Ritual e Magia no Quilombo São José, um pequeno documentário, cuja duração não ultrapassa 20 minutos. Todos as películas aqui citadas são facilmente encontrados no *Youtube* ou ainda no *Google Vídeos*. Trata-se de um material perfeito para complementar um estudo dirigido, tomando por leituras de apoio os textos encontrados em Felinto (2012) e Albuquerque e Fraga Filho (2006), obras mencionadas acima.

### **Oficinas pedagógicas, espaços de debate e de criatividade**

A última das unidades de estudo, voltada às práticas de exclusão e racismo na sociedade e na escola brasileira, comporta também algumas oficinas de produção de atividades e materiais didáticos a partir de diferentes linguagens. Quanto aos textos que tratam das práticas racistas nas escolas brasileiras, algumas obras merecem, em meu parecer, destaque especial, tanto pela linguagem e qualidade do texto, quanto pela disponibilidade do acesso. Afinal, tratam-se de livros editados pelo Ministério da Educação, com patrocínio da Unesco. São eles: 1. Práticas Pedagógicas de Trabalho com Relações Étnico-raciais na Escola na Perspectiva da Lei n. 10.639/2003, organizada por Nilma Lino Gomes (GOMES, 2012); e 2. O livro coordenado por Kabengele Munanga, Superando o Racismo na Escola, (MUNANGA, 2005). Nesses dois livros há textos muito bons para seminários, envolvendo os desafios e as perspectivas das práticas pedagógicas voltadas à problemática das relações étnico-raciais, propostas de como contribuir para a construção da auto-estima da criança negra, ou ainda, de sugestões para a desconstrução da discriminação existente nos livros didáticos.

Quanto às chamadas oficinas pedagógicas, avalio que elas, por si só, merecem um artigo à parte, cabendo nessa oportunidade tecer somente alguns comentários quanto à avaliação desse tipo de experiências. Começamos então pela “contação” de histórias. Ela representa um momento singular para os alunos expressarem a sua criatividade, em meio a tantas atividades que prezam pelo linguajar acadêmico, quando não, pelos jargões tecnicistas. Oportunidade, portanto, aberta ao lúdico e ao emotivo. Recuperação talvez de alguma lembrança afetiva dos tempos de infância, para as oficinas de “contação” de histórias são oferecidos bons subsídios em termos de material pedagógico, a começar com o livro *Estórias Quilombolas*, uma iniciativa editorial do Ministério da Educação, através da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secadi)<sup>2</sup> (BRASIL, 2010).

Outra boa iniciativa partiu do NEINB/USP. No domínio mantido por esse grupo podem ser encontrados gratuitamente vários materiais de apoio didático. Ao interesse específico da oficina de “contação” de histórias, há destaque para o volume 9 da coleção, intitulada *Brincando e Ouvindo Histórias* (NEINB, 2007)<sup>3</sup>.

Ainda um boa opção de oficina pedagógica é proporcionada na forma do jogo educativo denominado *Yoté*. Trata-se de um jogo de estratégia dos povos africanos, podendo ser praticado por dois ou mais jogadores, sendo encontrado em países da África Ocidental, tais como o Senegal, Guiné ou Gâmbia. Conforme apresentado na versão editada pela Secadi, o jogo procura resgatar a História dos Afro-brasileiros, com vistas a demonstrar a importância da sua contribuição nos vários setores da vida nacional ao longo do tempo. Por isso, é recomendável que a versão utilizada seja a proposta por essa Secretaria – à qual é acessada

---

2. As publicações da Secadi podem ser acessadas no endereço: <<http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-continuada-alfabetizacao-diversidade-e-inclusao/publicacoes>>.

3. Disponível em: <<http://www.usp.br/neinb/>>.

através do portal do Ministério da Educação que acima mencionamos – por estar adaptada para o contexto brasileiro e, portanto, voltada às nossas necessidades de educação das relações étnico-raciais. Caberia acrescer que embora a apresentação preparada pela Secadi sugira que o jogo seja direcionado para crianças – em especial aquelas moradoras de áreas remanescentes de quilombos – defendemos que o *yoté* possa oferecer várias outras possibilidades que vão muito além das necessidades imediatas de educação das relações étnico-raciais, o que fica possibilitado mediante a troca de peças em suas fases posteriores, sugestão que demandaria espaço incompatível à proposta do presente trabalho, devendo, portanto, ser tratada em outra oportunidade.

Por fim, não poderia deixar de citar a existência dos quase sempre muito úteis dicionários temáticos, bem como das chamadas obras de referência. Começo pela Coleção História Geral da África (UNESCO, 2011). Trata-se de oito robustos volumes lançados pelo Comitê Científico Internacional da Unesco, com o apoio do Ministério da Educação e da Universidade Federal de São Carlos. Várias bibliotecas públicas brasileiras receberam essa coleção no início da presente década. Esses livros podem ser acessados em formato digital em download gratuito a partir do site da representação da Unesco no Brasil<sup>4</sup> ou ainda através do portal eletrônico do Ministério da Educação. A edição dessa obra grandiosa ficou a cargo de historiadores africanos, como Joseph Ki-Zerbo (1922-2006), Gamal Mokhtar ou Ali Mazrui.

Quanto aos dicionários, podemos sempre consultar a iniciativa organizada por Ellis Cashmore, o qual contou com a participação de nomes expressivos como Michael Banton e Pierre Van Den Berghe, além de dezenas de colaboradores especializados. O Dicionário de Relações Étnicas e Raciais (CASHMORE, 2000) é uma fonte preciosa

---

4. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/education/inclusive-education/general-history-of-africa/>>.

e confiável, mesmo para professores externos à disciplina História e Cultura Afro-brasileira. Cabe ainda citar as louváveis contribuições da lavra de Nei Lopes, materializadas por esse estudioso da cultura africana no Dicionário da Antiguidade Africana (LOPES, 2011) e no Novo Dicionário Banto do Brasil (LOPES, 2012).

### **Considerações finais**

Como finalizar com certo conforto algo cujo processo se encontra ainda em pleno desenvolvimento? De que forma conseguiremos concluir com alguma certeza de limites as iniciativas tomadas em território o qual apenas começamos a explorar? Por acaso serão cinco anos de estudos, pesquisas e práticas subtraídas, aliás, em meio a tantos encargos docentes o suficiente para nos arrojar como especialista, ou ainda, em guia de um pacífico itinerário? Inclino-me a acenar negativamente, e espero que em nenhum momento ao longo desse pequeno artigo tenha passado a impressão de alguma autoridade desse imenso campo de estudos, do qual me considero mais um entre tantos estudantes. Apesar de algumas comunicações em simpósios, dos artigos, dos anais de congressos, enfim, da nossa prática, e até mesmo por ela, persistimos em contínuo e prazenteiro aprendizado.

Afinal, com o passar do tempo, a disciplina História e Cultura Afro-Brasileira deixou de ser, para mim, cada vez menos uma tarefa acadêmica ou parte dos meus encargos docentes, mas talvez a minha mais significativa contribuição na formação de professores. Assim, procuro pensar que se o meu trabalho encontra termo ao final de cada semestre letivo, por se encontrar intrinsecamente voltado à formação de jovens professores, terá nesses a continuidade em busca da construção de uma sociedade mais justa, fraterna, democrática e igualitária. E se o estudo da história por vezes transporta a cenas que nos envolve em

pungente angústia, também nos retira o fardo do passado, e com isso a possibilidade da catarse representada pela perseverança do esforço coletivo, simbolizada em nossa esperança no amanhã, por acreditar ser cada dia um novo recomeço.

## Referências

- BALOGUN, Ola et. al. **Introdução à cultura africana**. Lisboa: Edições 70, 1980.
- BANTON, Michael. **A ideia de raça**. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BARROS, José D'Assunção. **A construção social da cor: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**. Estórias quilombolas. Brasília: MEC, 2010.
- CASHMORE, Ellis (Org.). **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Selo Negro, 2000.
- COQUERY-VIDROVITCH, Catherine (Org.). **A descoberta da África**. Lisboa: Edições 70, 1981.
- FELINTO, Renata (Org.). **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores, fazeres para os alunos (religiosidade, musicalidade, identidade e artes visuais)**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 35. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- GILROU, Paul. **Entre campos: nações, culturas e o fascínio da raça**. São Paulo: Annablume, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: editora 34, 2012.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.
- HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Valle; LIMA, Márcia. **Cor e estratificação social**. Rio de Janeiro: Contracapa, 1999.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG/IUPERJ, 2005.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Unesp, 2006.

LAMBERT, Jean-Marie. **História da África negra**. Goiânia: Kelps, 2001.

LIMA, Claudia. **Introdução à história do negro no Brasil**. Recife: Raízes Brasileiras, 2009.

LOPES, Ana Mônica; ARNAUT, Luiz. **História da África: uma introdução**. 2. ed. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

LOPES, Nei. **Dicionário da Antiguidade Africana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

\_\_\_\_\_. **Novo dicionário banto do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

LOVEJOY, Paul E. **A escravidão na África: uma história de suas transformações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MARCON, Frank; SOGBOSSI, Hippolyte Brice (Orgs.). **Estudos africanos, história e cultura afro-brasileira: olhares sobre a Lei 10.639/03**. São Cristóvão: UFS, 2007.

MINTZ, Sidney W.; PRICE, Richard. **O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

MUNANGA, Kabengele. **A importância da história da África e do negro na escola brasileira**. Palestra realizada pelo autor para o NEINB, e ministrada para os professores da Rede Municipal da Cidade de Mauá/SP, em 28.05.2004.

\_\_\_\_\_. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. **Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações**. São Paulo: Global, 2009.

NEINB/USP **Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Negro Brasileiro da Universidade de São Paulo**. Eles têm a cara preta: negras imagens. Mídias e Artes na Educação Infantil (alternativas à implementação da Lei 10.639/03). São Paulo, [s.n.], 2007.

PARÉS, Luis Nicolau. **A formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PEREIRA, Amauri Mendes. **África, para abandonar estereótipos e distorções**. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

SANSONE, Livio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra no Brasil**. Salvador: Edufba/Pallas, 2007.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Memórias da África: patrimônios, museus e políticas das identidades**. Salvador: Edufba, 2012.

SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. **Formação de professores e religiões de matrizes africanas: um diálogo necessário**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

SANTOS, Gevanilda. **Relações raciais e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

SILVA, Alberto da Costa e. **A enxada e a lança: a África antes dos portugueses**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

\_\_\_\_\_. **A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

\_\_\_\_\_. **Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.

THORNTON, John. **A África e os africanos na formação do mundo atlântico: 1400-1800**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

UNESCO. **História geral da África**. 8. v. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VERGER, Pierre. **Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de todos os santos, no Brasil, e na antiga costa dos escravos, na África**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2012.

VISENTINI, Paulo; RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira; PEREIRA, Analúcia Danilevicz. **História da África e dos africanos**. Petrópolis: Vozes, 2013.